

Do Sagrado à História: tradução e iluminação profana.

Mito fundador da origem das línguas e de sua multiplicação é o da construção da Torre de Babel. Como narra o *Gênesis*, sua edificação começou em um tempo no qual “o mundo inteiro falava a mesma língua, com as mesmas palavras”. Porque os homens arquitetaram uma Torre que alcançasse o céu, ambicionando abolir a diferença entre a imanência e a transcendência ao pretenderem a igualdade com Deus, foram punidos com a destruição da torre e com a condenação de falarem línguas diferentes para não mais se compreenderem, Babel significando justamente, “confusão”. A punição não expressou, porém, uma sanção que recaiu sobre a geração dos construtores, impondo-lhes a destruição, mas sim a dispersão das línguas.

Nesse sentido, antes da expulsão do Paraíso coincidiam expressão linguística e ser espiritual, e a língua humana participava, de maneira perfeita, do Nome de Deus, pois a criação do mundo adveio num ato único narrado no *Gênesis*: “Deus disse: faça-se a luz” e, simultaneamente Deus disse, pensou e fez. Tão somente o homem não foi obra do verbo divino, pois criado de matéria. Foi ele, não obstante, quem deu Nome às coisas e, assim animando-as, dotou-as de aura e alma. Momento em que as línguas e os homens se dispersaram, o paraíso perdido é queda do homem e da linguagem—queda ao mesmo tempo cognitiva e moral-- que, de nomeadora, se torna instrumental, pragmática, empírica, intencional, forçando uma unidade para que ela seja simples informação.¹

Deus, porém, não maldisse a linguagem humana mas a construção da Torre, mesmo porque a condenação proibia

¹ Cf. “Karl Kraus”, trad. Maurice de Gabdillac, Rainer Rochlitz e Pierre Rusch, in *Oevres*, II, ed Gallimard, Paris, 2000..

a regressão a uma língua única e idêntica a si mesma, sua variação evitando “o pesadelo tautológico de uma língua universal, homóloga àquela anterior à queda”.² Eis por que a multiplicação das línguas restabelece a separação entre o humano e o divino, a diferenciação cultural sendo o território dos homens, em ruptura com a homogeneidade do tempo mítico. E, para superar o desarranjo entre as línguas, frustrando a reivindicação de uma língua perfeita que reuniria o que a história dispersou-- na utopia da transparência de um mundo unívoco e sem negatividade —, a tradução é o *medium* que impossibilita a unificação forçada, encontrando o que reúne as línguas em suas diferenciações: “[a tradução o consagra] por ser uma operação infinita que, preservando a diferença das línguas, estabelece uma passagem (um parentesco) na qual a linguagem encontra uma unidade de composição que visa, para retomar uma expressão de Benjamin, ‘uma linguagem maior’”³ Babel e Pentecostes reunidos, cada qual fala sua língua e todos podem se compreender, em uma espécie de “tradução simultânea.” A unidade, o Um universalista reprime o uns pós-Babel, dissolvendo a utopia do acesso a uma origem essencial, substancialista e uma.

A tradução é o ofício de decifrar uma língua que perdeu sua imediatez e se tornou equívoca. Por isso, toda tradução é híbrida, é contaminação e realização da essência das línguas depois da confusão babélica. Traduzíveis e intraduzíveis umas nas outras, há áreas de obscuridade e de mistério entre elas, mas, também, o que evoca a necessidade de traduzi-las. Benjamin escreve: “Todas as grandes obras da escrita [...] contêm nas entrelinhas sua tradução virtual”.⁴ A teoria benjaminiana põe por terra os conceitos de “essencialidade”, totalidade, unicidade e de originalidade, aproximando-se da citação

2 Marc de Launay, “La Tour de Babel”, *Archives de sciences sociales des religions*, n°124, 2003, p 121.

3 Delecroix, Vincent, in *Archives de Sciences Sociales des Religions*, n° 124, 2003, p.72.

4 Benjamin, “A Tarefa do Tradutor”

como gesto crítico fundamental, no sentido da importância do ato de transposição e de extrapolação do texto a que pertence na origem. É no espaço indefinido entre fidelidade e liberdade que se dá a criação, pois há sempre parentesco latente e estranhamento entre as línguas, na medida em que as elas são diferenças que comunicam diferenças. Toda tradução é uma maneira provisória de procurar o *metron* de seu estranhamento: “Assim como os estilhaços de uma ânfora para reconstitui o todo devem ser contíguos em todos os pormenores, mas não idênticos uns aos outros, também a tradução deve procurar, antes de mais nada, não se assemelhar ao sentido original, mas, em um movimento de amor até o mínimo detalhe, fazer passar em sua própria língua o modo de visar do original.”⁵ Não se trata, então, de comunicar preferencialmente pela enunciação—na qual a tradução seria mais “literal”, mas perderia o essencial, constituindo uma má tradução-- “seria a transmissão inexata de um conteúdo inessencial”. O tradutor, como o leitor, abandonam seu contexto familiar, alcançando o estrangeiro e o distante numa aura de inclusão e proximidade. Por um *dépaysement* linguístico, reconhece-se no estrangeiro algo de familiar. Por isso, “no aprendizado de uma língua, o mais importante não é aquela que se aprende, mas o abandono da nossa[...]. Só então se a compreende verdadeiramente.”⁶ Só conhecemos nossa própria língua, tratando-a como uma língua estrangeira, em desposseção daquilo em que se estava alienado e tranquilizado.

O tradutor não pretende a objetividade, procurando antes uma harmonia entre as línguas, na maneira pela qual “roça” o sentido, sentido que só pode ser tocado “pela brisa da língua como o vento tangia a harpa eólea”.⁷ Isto significa que há uma afinidade secreta entre as palavras, que não é de ordem lógica, e não pode ser apreendida em

5 Benajmin, idem.

6 Gide, apud Benajmin, “A Tarefa do Tradutor”.

7 Benajmin, idem.

sua função de signo apenas, tornando-se, ao contrário, reconhecível na memória, quando se se refere à natureza de nome das palavras. Para Benjamin escrever é já *citar* – e citar uma palavra é chamá-la pelo “nome” – e *traduzir* significa revelar na outra língua o eco do original e encontrar aquele lugar “em que o eco na própria língua pode responder à obra da língua estrangeira.”⁸ A tradução não é uma duplicação do original, pois, repetindo-o, renova e potencializa o original, produz eixos inéditos de reflexão e compreensão. A tradução enriquece, assim, tanto a língua e a cultura de origem, quanto a língua e a cultura para a qual se traduz, dando forma ao que já tem forma, em um “espaço lúdico” de invenção: “comentário e tradução estão para o texto assim como estilo e mimesis estão para a natureza: o mesmo fenômeno sob diferentes somente folhas eternamente sussurrantes, na árvore do texto profano são os frutos que caem no tempo certo.”⁹ Uma vez que a palavra original sobrevive em sua própria língua, a tradução, em virtude da diferença entre a elaboração da obra original e o ato de traduzir, sofre a ação do tempo. Um anacronismo constitutivo faz com que as literaturas compartilhem espaços e tempos heterogêneos e simultâneos. O que é atual em um determinado momento pode se “antiquizar”, o que era fórmula corrente pode tomar a feição arcaica. Benjamin não descuida também das perdas nesse encontro entre o original e a tradução, ou entre o texto do passado e o do presente, quando uma imagem do passado falha em encontrar um presente capaz de reconhecer-se nela.

Repetição que renova, a tradução reivindica um direito que lhe é próprio, profano, o “direito de nomear”.¹⁰ E Benjamin anota: “na origem dessa atitude não está

8 Cf. Benjamin, “Karl Kraus” e Sigrid Weigel, *Walter Benjamin: la criatura, il sacro, le immagini*, trad. Maria Teresa Costa, ed. Quodlibet, Macerata, 2014, p. 190.

9 “Estas plantas são recomendadas à proteção do público”, in *Rua De Mão Única*, p. 18

10 Benjamin, *Origem do drama barroco* pp. 77-78 mais ou menos. Em it.

Platão, e sim Adão, pai dos homens e pai da filosofia.”¹¹ Pois foi Adão quem nomeou as coisas com o “reflexo” da língua divina que no estado paradisíaco era perfeita. O Nome não é, então, nem casual, nem convencional, mas exala das próprias coisas como seu atributo ontológico, conduzindo à idéia de “*arché*”, ao originário em sentido filosófico, não começo, início ou ponto de partida, mas o originário da origem que sempre ressurgue por vestígios, rastros, alumbramentos. Benjamin escreve: “O ser livre de qualquer fenomenalidade, no qual reside exclusivamente a força [que determina a essência da empiria] é a do Nome, [quando] as palavras [ainda] não perderam, em benefício da dimensão cognitiva, sua dignidade nomeadora.”¹² Não se trata de *logos*, de razão, de exatidão, da regra da *adequatio*, dos princípios de identidade, não-contradição e terceiro excluído da razão suficiente, mas de tradução como “semelhança não sensível”, como “faculdade mimética”, como “correspondência”, com o “afinidade eletiva alquímica”, atrações não-causais, de “iluminação”, como “iluminação profana”.

Lendo, em 1923 a *Divina Comédia* na tradução do poeta Stephan George, Benjamin considera ser Dante o poeta do Nome, uma presença constante na obra de Benjamin.¹³ Benjamin já lera *Dante poeta do mundo terreno* de Auerbach, citado por ele no ensaio “O Surrealismo: último instantâneo da inteligência europeia” no qual a noção de “iluminação profana” encontra na experiência amorosa, no amor cortês, na poesia provençal à época de Luís VII na França, sua fonte primeira. Citando Auerbach, Benjamin escreve: “‘Todos os poetas do ‘estilo novo’ têm amantes místicas. Todos experimentam aventuras de amor muito parecidas, a todos o Amor concede ou recusa dádivas que mais se assemelham a uma

11 Benjamin, op cit, p 59.

12 Benjamin, Origem do Drama Barroco, trad Sérgio Paulo Rouanet, p 58.

13 Cf. Benjamin, *Je DFéballe ma bibliotyhèque. Une pratique de la collection*, em que se encontra o elenco de leituras em torno de Dante. Cf, ainda Marco Maggi, *Waloter Benjamin e Dante*, ed. Donzelli, Roam, 2017...

iluminação que a um prazer sensual, e todos pertencem a uma espécie de sociedade secreta, que determina sua vida interna, e talvez também a externa.’ Essas características são estranhamente associadas à dialética da embriaguez. Não seria cada êxtase em *um* mundo sobriedade recatada no mundo complementar? A que outro fim visa o amor cortês[...] senão demonstrar que a castidade pode ser também um estado de transe?”¹⁴ Nesse amor, vale, antes de tudo, a potência constitutiva do Nome, do nome dado, recebido, pronunciado: “Nada vincula melhor à linguagem que o nome.”¹⁵ Neste sentido, a linguagem é uma maneira excepcional de singularização que, na teoria da tradução de Benjamin mostra que, imperfeita, desajeitada, imprópria, a tradução não prejudica em nada o original, ela é o *medium* por cujo desvio o original surge. Pois, se “Deus é a origem da palavra mas é o homem quem nomeia e a traz consigo”¹⁶, é porque o que faz amar é o nome: “a essência e o tipo de um amor definem-se da maneira mais rigorosa no destino que ele reserva ao nome [...]. O amor platônico—é no destino do nome, não no do corpo que ele pode se definir verdadeiramente, com seu único sentido autêntico, seu único sentido importante: como o amor, [...] que ama a amada em seu nome mesmo, a possui em seu nome e em seu nome a acarinha e aninha[...]. Para este amor a presença da amada sai de seu nome como a irradiação de um foco ardente e ainda é dele que provém a obra daquele que ama. Assim, *A Divina Comédia* não é senão a aura em torno do nome de Beatriz, a mais potente representação do fato que todas as figuras do cosmos procedem do nome que sai incólume do amor.”¹⁷ Se para

14 “O Surrealismo..”, in *Obras Escolhidas I*, p 25. Sobre o amor cortês, Dante e a literatura de Haroldo de Campos, cf. Leda Tenório da Motta, *Vista das Musas no Trópico: de volta à crítica da crítica*, ed IUMme, SP, 2016.

15 Benjamin, “Afinidades eletivas de Goethe”, in *Oeuvres I*, p298.

16 Cf. Guershon Scholem, *Cabale e Contre-Histoire*, ed Éclat, 2001, p224.

17 “Breves sombras, amor platônico”. O que ressurgem na passagem: “Quem ama não se apega somente aos ‘ defeitos’ da amada, não somente aos tiques e fraquezas de uma mulher; a ele, rugas no rosto e manchas, roupas gastas e um andar desajeitado prendem ,muito maia duradoura e inexoravelmente do que toda beleza. [...]. Se é

Auerbach ,Dante é o poeta da elevação da Terra para o Céu onde encontra a amada que prepara a visão do Paraíso, para Benjamin Dante desce do Céu para a Terra, constituindo uma questão mais filosófica e política que teológica.

Assim, entre a primavera e o verão de 1940, Benjamin empreendeu a tradução em francês de suas teses “ Sobre o Conceito de História”, anotadas em alemão nos últimos meses do ano anterior, em cuja tese de número V há uma variante com respeito ao “original”, considerando-se que Benjamin observa que em todo escrito e tradução revela-se a consciência histórica. Em sua tradução francesa da tese V, Benjamin introduz uma citação de Dante, ausente do original alemão que diz: **“A verdadeira imagem do passado perpassa veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que rebrilha irreversivelmente, no momento em que é reconhecido[...].Pois irrecuperável é cada imagem do presente que se dirige ao presente, sem que esse presente se sinta visado por ela.”**¹⁸ E na tradução francesa: **“A Imagem autêntica do passado só aparece em um fulgor. Imagem que só surge para desaparecer para sempre no instante seguinte.A verdade imóvel que nada mais faz que esperar o pesquisador não corresponde de forma nenhuma ao conceito de verdade em matéria de história. Ele[o**

verdadeira a teoria que diz que a sensação não se aloja na cabeça, que não sentimentos uma janela, uma nuvem, uma árvore no cérebro, mas sim naquele lugar onde a vemos, assim também, no olhar para a amada, estamos fora de nós.[...][. Ofuscada, a sensação esvoaça como um bando de pássaros no esplendor da mulher. .E assim como os pássaros buscam proteção nos frondosos esconderijos da árvore, refugiam-se as sensações nas sombrias rugas, nos gestos desgraciosos e nas modestas máculas do corpo amado, onde se põem em segurança, no esconderijo. E nenhum passante adivinharia que exatamente aqui, no que é imperfeito, censurável, se aconchega a emoção amorosa, os dardos velozes da adoração.” P 18, rua de mão única, modificada.

18 Obras Escilhidas I, trad Paulo Sergio Rouanet, 2008, p. 224.

conceito de história] se apóia melhor no verso de Dante que diz: ...é uma imagem única, insubstituível do passado que se desfaz com cada presente que não soube reconhecer-se visado por ela”¹⁹ Depois dos dois pontos que a anunciam, falta a citação que deveria exprimir a concepção benjaminiana de história. Desconhece-se a razão da suspensão, se um esquecimento de momento ou sua não-familiaridade com a língua de Dante²⁰, de onde a crítica trabalha *in absentia* do verso apenas subentendido, permanecendo o sentido latente e a questão do “agora da legibilidade”. Por isso, nas *Passagens*, Benjamin observa que assim como uma obra é escrita em um lugar e uma data determinadas, é também verdade que ela só se torna legível em um espaço e um tempo determinados. Benjamin, tradutor de Proust, faz lembrar a passagem de “À Sombra das Raparigas em Flor”, em que o narrador proustiano descreve como se foi constituindo para ele, progressivamente, a “Sonata de Venteuil”, cujos compassos acompanham toda a “*Recherche*”: **“Esse tempo de que necessita um indivíduo para ingressar em uma obra profunda é como o resumo e símbolo dos anos e por vezes séculos que devem transcorrer até que o público possa apreciá-la verdadeiramente.... Foram os próprios quartetos de Beethoven que levaram 50 anos para dar vida e número ao público de suas composições, realizando o que seria impossível**

19 Cf. *Sul concetto di storia*, edição de G. Bonola e M. Ranchetti, ed Einaudi, Turim, 1977. O único manuscrito desta variação da tese encontra-se no Arquivo de Berlim

20 No fragmento “Si Parla Italiano” de *Rua de Mão Única*, Benjamin anota: “Eu estava sentado, à noite, com dores violentas, em um banco. De frente a mim, em um segundo banco [...] tomaram lugar duas moças, Pareciam querer falar-se confidencialmente e começaram a sussurrar. Ninguém além de mim estava nas proximidades, e eu não teria entendido o italiano delas, por mais alto que fosse..Então, diante daquele imotivado sussurro em uma língua inacessível para mim, não pude defender-me da sensação de que se colocava em volta do local dolorido uma fresca atadura.” (Rua de mão única, p 60).

encontrar quando a obra-prima apareceu, isto é, criaturas capazes de amá-la.”²¹ Recusando a linearidade dos nexos lógicos mas também estabelecendo-os, pode-se mesclar à maneira benjaminiana, semelhanças não-sensíveis e afinidades entre dois pólos essenciais na obra de Benjamin, o Paraíso de Dante e sua Beatriz, com o Inferno da modernidade e o capitalismo de consumo da Passante baudelairiana em Paris, cruzamento entre o amor eterno celestial e a “ fugitiva beleza” mundana e passageira. Assim, ao tema do “choque” da modernidade e seu ritmo acelerado de impermanência, junta-se como interrupção contra-rítmica do tempo e da tradução, as relações de correspondência e de recordação. Não por acaso, Benjamin escreve em seu ensaio “ Sobre o Tradutor” que traduzir a *Ilíada* para o alemão, não significa “ germanizar o grego, mas helenizar o alemão”. É preciso colocar questões gregas ao mundo contemporâneo e questões contemporâneas ao mundo grego, com o que se ampliam as identidades espaciais e temporais e a compreensão do presente. Mimética e não-mimética,, a tradução é a “ sobrevida” de um texto original: vive mais tempo e também de modo diferente. Não se trata, assim, do cancelamento dos rastros de estranhamento entre as línguas na tradução, a distância e a proximidade que as separa, aproximando-as, mas do que em cada uma permanece secreto. A tradução não desfaz apenas a idéia de identidade sedentária de uma língua, mas sobretudo a isoglossia isolacionista. Em sentido benjaminiana, toda tradução é uma experiência expressionista, capaz de anamorfozes. Eis por que “toda tradução é um modo provisório de dar conta do estranhamento das línguas”, e é sempre imperfeita. Melancólica, a tradução se liga à legibilidade das imperfeições da tradução e ao reconhecimento do estranho entre as línguas²². Nisso

21 Proust, *À l'ombre des jeunes filles en fleur*, in *À la Recherche du Temps Perdu* ed. La Pléiade (4 volumes sob a organização de JeanYves Tadiè, Paris, Gallimard, 1987-9, p 402,

22 Benjamin, “A Tarefa ...” Cf. Susane Kamps Lages, *Melancolia e Tradução*

consiste também o respeito pela obra estrangeira, resguardar o que faz a diferença entre as línguas em vez de pacificá-la em nossa própria. Pois “ se em uma tradução anuncia-se o parentesco das línguas, este o é de uma maneira inteiramente outra que pela vaga semelhança entre a imitação e o original. Da mesma forma o parentesco não implica necessariamente semelhança. [Esta semelhança] tampouco deve ser buscada em um parentesco histórico[das línguas][...]. Enquanto que todos os elementos singulares, as palavras, as proposições, as correlações das línguas estrangeiras se excluem, estas línguas se complementam em suas próprias visadas intencionais. Esta coisa é a língua pura.”²³ Neste sentido, Benjamin²⁴ se refere ao uso de palavras estrangeiras como um operador que desnaturaliza nossa familiaridade com a língua materna na qual o ato de nomear permanece esquecido pela língua parecer natural. No comentário de Adorno: “Toda palavra estrangeira, no momento em que é empregada pela primeira vez, no instante de sua aparição profana, festeja novamente a nomeação originária[...]. As palavras estrangeiras são de um ponto de vista histórico lugares de irrupção de uma consciência cognitiva e de uma verdade que se faz clara de diversas formas, daquilo que a simples natureza é na língua: a irrupção da liberdade.”²⁵ Deste modo, as palavras estrangeiras constituem uma memória das diferenças entre as línguas, uma “ citação” :Na citação, que ao mesmo tempo salva e castiga, a linguagem aparece como matriz da justiça. A citação chama a palavra por seu nome, a arranca de seu contexto destruindo-o, mas por isso mesmo lembrando sua origem”.²⁶ Para Benjamin, a tradução não é um instrumento de passagem de uma língua a outra, mas “comunicação de conteúdos espirituais” que se faz pelo “

23 A Tarefa do tradutor,

24 Cf. Benjamin, *Ruínas de Mão Única*, referências à “costela de ouro” da palavra estrangeira.

25 Adorno, “Uso das palavras estrangeiras”, in

26 Benjamin, W., “O Inumano, Karl Kraus”, in *Oeuvres II*, ed Gallimard, trad Maurice de Gandillac et alii, p 267.

teor de verdade” que é captado na tradução que é uma forma de transposição, de citação: “Diante da língua se legitimam ambos os reinos—origem e destruição—na citação”.²⁷ Em seu ensaio “Sobre a Linguagem em geral e a linguagem do homem”, Benjamin reflete sobre a língua em sua unidade divina que contrasta com a alienação linguística da sociedade moderna. Cada língua humana é apenas um reflexo do verbo divino no nome, e as palavras um arquivo de semelhanças não-sensíveis, imateriais: “Dante coloca Beatriz entre as estrelas. Para ele, então, em Beatriz as estrelas podiam ser próximas. Porque na amada as forças da distância aparecem próximas ao homem.”²⁸

Por isso, reúnem-se, em Benjamin, tradução, crítica, citação, teoria da poesia, filosofia da História sob os auspícios de Dante e Baudelaire. No *Drama barroco*, Benjamin se refere à acídia de Dante, que ressurge no historicismo na tese VII de “Sobre o conceito de história”: “Em Dante, a acídia ocupa o quinto lugar na hierarquia dos pecados capitais. A seu redor reina um frio glacial, o que conduz aos dados da patologia humoral, a qualidade fria e seca da terra.”²⁹ E na tese VII, nomeando a acídia anota, citando Fustel de Coulanges: “ ‘ Poucos adivinharão o quanto foi preciso esta triste para ressuscitar Cartago”. Se em Dante há a melancolia do poeta exilado de Florença, Baudelaire, na Paris moderna é o “ rei de um país chuvoso em uma terra de exílio”,³⁰ sentimento que não é desconhecido do tradutor, o da “ perda do original” que pode, no entanto, refulgir como um “lume”. Neste sentido, o verso por citar na tese V se encontraria no terceto inicial do canto XXVIII do “Paraíso”, quando o poeta tem uma primeira visão da luz divina nos olhos de Beatriz: “Como quem vê no espelho a claridade[...]/ assim a minha memória representa/ nos olhos dela me enlevando/com amor que cativou minha’ alma isenta[...]. Um ponto vi, que

27 Benjamin, “Karl Kraus”, op cit, idem, ibidem.

28 Vicinanza e lontananza, oc, vol viii, p 83, italiano.

29 Benjamin, Drama Barroco

30 Baudelire, Poemas em Prosa?

lume tão fulgente /Dardejava, que a vista deslumbrava. Fechava-se ante o lume transluzente.”³¹ O poeta, o historiador que traduz uma época em outra, o tradutor que dirige o olhar àquele fulgor não podem fixá-lo longamente por sua intensidade luminosa, deslumbrante e ofuscante se nele se detêm.

A fugacidade da luz é como uma citação que , por sua vez, consiste na tradução da palavra em Nome, transformação do que é repetitivo e instrumental em algo aurático, retirando a palavra de seu uso degradado na informação jornalística, fazendo exalar do canto infernal do idêntico o hino angélico, originário, “ tradução daquilo que no nome não tem nome”. Refletindo sobre “Karl Kraus”, Benjamin anota: “Aos fatos sensacionalistas e sempre idênticos que o jornal diário ministra a seu público, ele contrapõe a notícia eternamente nova que deve ser anunciada da história da criação: o eternamente novo, incessante lamento.”³² Traduzir é questão de verdade e não de um saber, ela não visa uma objetividade e sim uma “essência”: “Aquilo que um poema contém para além da comunicação não é universalmente tido como o inalcançável, o misterioso, o ‘ poético’? Aquilo que o tradutor pode transmitir fazendo ele mesmo obra de Poeta?”³³

31 Dante, “Paraíso”, *Dikvina Comédia*, trad. José Pedro Xavier Pinheiro, on line-
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb00002a.pdf>.

32 Karl Kraus, oc iv p 338

33 Benjamin, “A Tarefa do tradutor”.